



**MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL**  
**PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**PIC n.º 1.30.011.001040/2011-16**

**TERMO DE DECLARAÇÕES**

Aos 24 dias do mês de setembro de 2013, compareceu a esta Procuradoria da República a sr<sup>a</sup>. Marilene Corona Franco, brasileira, portadora do RG n.º 37.167.965-5 (IIRGD-SP), inscrita no CPF sob o n.º 509.159.167-20, domiciliada na Rua Toneleiros, 72, apto 201, Copacabana, telefone 2235-3600, e prestou o seguinte depoimento: a declarante era estudante de Psicologia, na Faculdade Santa Úrsula, no ano de 1970, e não participava do movimento estudantil, sendo apenas simpatizante da oposição ao regime. Sua irmã, Jane, fazia Medicina na UERJ e era do movimento estudantil, tendo inclusive sido presa em Ibiúna, no ano de 1969. Jane casou-se com Luiz Rodolfo Viveiros de Castro, que é filho de dona Cecília Viveiros de Castro. Luiz Rodolfo exilou-se no Chile em meados de 1970, pois fora preso várias vezes e foi aconselhado pelo advogado a deixar o país. Jane, no final de 1970, resolveu também exilar-se no Chile e para lá foi então acompanhada da declarante. Foram de carro até Assunção e de lá pegaram um avião até Santiago. A declarante permaneceu em Santiago até o dia 19 de janeiro, quando retornou ao país juntamente com dona Cecília, que havia viajado para visitar o filho. No Chile, os brasileiros exilados haviam pedido que Cecília e a declarante levassem algumas cartas para familiares no Brasil. No final do ano, havia ocorrido o sequestro do embaixador da Suíça e a troca de presos políticos como condição para o resgate. Tais presos haviam viajado para o Chile em janeiro de 1971, e o vôo de retorno da declarante para o Brasil foi o primeiro após o exílio dos presos trocados. Era a declarante quem estava em poder das cartas. Elas haviam sido entregues por seu cunhado Luiz Rodolfo e por Helena Bocaiuva, uma das brasileiras exiladas no Chile. No pacote entregue por Helena, estava a orientação de que as cartas deveriam ser entregues a Rubens, que poderia ser contatado através de um determinado número de telefone. Não se recorda a quem as cartas eram endereçadas e não sabia a identidade da pessoa que receberia o pacote. O vôo chegou ao aeroporto do Galeão na noite do dia 19 para o dia 20. O avião estacionou fora do local de desembarque e já na boca da escada havia pessoas em um jipe gritando o nome de "Marilene e acompanhante", o que sugere que os agentes tinham prévio conhecimento de que era a declarante quem trazia consigo as cartas dos brasileiros exilados. Depois chegaram a desconfiar de um brasileiro supostamente infiltrado, de nome Vitor, pois essa pessoa retornou ao Brasil logo depois e voltou para a faculdade. A declarante e dona Cecília permaneceram no Galeão até a manhã do dia seguinte.



**MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL**  
**PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

Ficaram sentadas em uma sala. Chegaram a ser ameaçadas de serem postas para caminhar em uma espécie de chapa quente no chão. Dona Cecília também foi obrigada a despir-se e sentiu-se mal e humilhada. Após ser ameaçada por algumas mulheres fardadas, a declarante confessou que trazia consigo as cartas. O nome da declarante e de dona Cecília foi retirado da lista de passageiros, de modo que o esposo de Cecília acreditou que elas não tivessem embarcado. Na manhã seguinte, um oficial fardado, mais velho, apareceu e perguntou para a declarante se ela conhecia Rubens Paiva. Nesse momento, dona Cecília não estava com a declarante. Muito tempo depois, viu algumas fotos do brigadeiro João Paulo Burnier e reconheceu-o como este o oficial que teria indagado-lhe sobre Rubens Paiva. Este oficial lhe ordenou, então, que ligasse para o número indicado no pacote de cartas que recebera e dissesse a Rubens que as cartas do Chile haviam chegado. O oficial estava com um rádio comunicador e, assim que a mensagem foi transmitida por telefone, ele começou a gritar falando: "já cercou a casa do homem?"; "ele está em casa, podem invadir". Acredita que isso aconteceu por volta de oito ou nove horas da manhã. A declarante havia dito a este oficial que não ligaria, mas ele a ameaçou com uma arma, dizendo: "você vai telefonar, a não ser que você queira que a gente use a força". Lembra-se que do outro lado da linha o homem com quem falou disse: "vamos marcar para nos encontrar". Logo depois, foi levada para a III zona aérea próxima ao Aeroporto Santos Dumont. A declarante e dona Cecília ficaram num corredor e lá dona Cecília reconheceu um primo seu que lá trabalhava, chamado Nereu de Matos Peixoto. Dona Cecília falou com ele e acreditou que ele iria avisar ao esposo que ambas estavam lá presas. Logo depois, foi chamada e confrontada com Rubens Paiva, que não conhecia. Antes de ambos serem postos frente a frente, ouviu gritos e ameaças e uma voz dizendo "não sei de Jane nem de Luiz Rodolfo". Lembra-se que Rubens Paiva era um homem gordo e naquela ocasião estava com o rosto muito vermelho, como se estivesse muito nervoso ou mesmo levado alguns tapas na face. Ele suava muito e dizia: "nunca vi essa mulher". A declarante também afirmava nunca ter visto a vítima. Dona Cecília não estava na sala nesse momento. Algum tempo depois, disseram para a depoente que ela iria para casa. Colocaram-na em um Fusca acompanhada de três agentes. Depois soube que Rubens Paiva estava em outro automóvel, jogado junto aos pés de dona Cecília. Ela ficou muito surpresa ao vê-lo, pois não tinha ideia de que ele havia sido preso, nem que ele tivesse qualquer envolvimento com a resistência política. Paiva também ficou muito surpreso ao vê-la. Foram levados encapuzados até o Batalhão do 1º Exército, na Tijuca. Quando lá chegaram, dona Cecília lhe disse: "Leninha, se preparem, porque chegamos na boca do inferno, isso aqui é o DOI-CODI". Os capuzes só foram retirados quando já estavam no interior do prédio. Logo na entrada havia um soldado que fazia o inventário de pertences dos presos e lhes dava para assinar. O inventário é semelhante àquele juntado aos autos em relação aos pertences de Rubens Paiva. Em seguida, a declarante, dona Cecília e Rubens Paiva foram colocados encapuzados de frente para uma parede, no andar térreo. Em um determinado momento, alguém passou e deu um soco em Rubens Paiva. Dona Cecília disse: "vocês vão matar este homem", e eles responderam: "aqui é uma guerra", dando a entender que a morte de um preso não seria considerado algo criminoso. Pouco tempo depois, dona Cecília desfaleceu, pois estava muito tempo em pé e sem dormir ou se alimentar. Colocaram-na sentada em uma cadeira. Em seguida, quando a declarante ainda estava em pé e

ll

*Genaro*



**MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL**  
**PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

de frente para a parede, começou a ouvir gritos de Rubens Paiva sendo torturado em um salão do lado. Reconheceu que era Rubens Paiva porque os interrogadores indagavam sobre Jane e Rodolfo. Achou que era um salão porque os gritos ecoavam de forma muito forte. Tais gritos era de certa forma abafados por um rádio colocado em alto volume. Lembra-se perfeitamente que tocavam a música "Jesus Cristo", de Roberto Carlos, e também "Apesar de você", de Chico Buarque. Rubens Paiva dizia não saber quem eram Luiz Rodolfo e Jane, nem do que estavam falando. Ouvia gritos de dor. Enquanto estava havendo a tortura, a declarante foi levada para o andar de cima, onde foi posta em uma cela individual. A partir desse momento, perdeu contato com Rubens Paiva e dona Cecília. Mesmo no andar superior, conseguia ouvir muitos gritos e a música alta, mas não pode afirmar quem eram as pessoas que estavam gritando. Acredita que sua cela não era contígua à de dona Cecília. Esta sim foi depois colocada em uma cela ao lado daquela onde foi colocado Rubens Paiva. Dona Cecília lhe disse depois que Paiva pedia seus remédios e também água. Ele também falava, com uma voz muito enfraquecida: "Meu nome é Rubens Beyrodt Paiva". Durante a madrugada, não deixaram a declarante dormir, pois periodicamente passava um soldado, iluminava o interior da solitária e exigia que o preso falasse o seu nome. Dona Cecília também lhe disse que durante a madrugada houve muito movimento na cela onde estava Rubens Paiva. Dona Cecília ouviu inclusive dizerem que ele precisaria ser hospitalizado. A declarante foi barbaramente torturada por três vezes até a manhã do dia seguinte. A primeira vez ocorreu logo no final da tarde, começo da noite, do dia 20 de janeiro. Ela foi interrogada sem capuz em uma sala que ficava também no segundo andar. Enquanto aguardava a entrada na sala, ficava no corredor encapuzada. Em uma dessas ocasiões, identificou que dona Cecília também estava no corredor encapuzada. Seus interrogadores eram três. Um deles era um homem gordo e baixo, de cerca de 30 anos, branco com cabelos pretos. Este homem operava a máquina de choque e também usava uma luva preta grande para bater nas costas da declarante. Na sala, havia, além da máquina de eletrochoque, um pau de arara e uma cadeira do dragão. O outro interrogador era um homem loiro com cabelo estilo militar e muito agressivo. Este homem inclusive chegou a esfregar-se sexualmente na declarante. O terceiro homem era um pouco mais velho, magro, branco, com cabelos pretos. Tem a impressão de que ele era o chefe do grupo. Ele fazia o papel do "interrogador bonzinho" e não participou diretamente das sessões de tortura. A declarante esteve com ele uma única vez, e a conversa não foi na mesma sala onde aconteciam as torturas. Ele dizia: "você tem que falar, porque ainda tenho que ir para casa jantar". Acredita que ele tivesse quarenta e poucos anos. Olhando as fotos constantes dos autos, a declarante afirma que o primeiro interrogador assemelha-se à fotografia do então tenente Armando Avólio Filho. O segundo interrogador assemelha-se ao tenente Antônio Fernando Hughes de Carvalho. Já o oficial um pouco mais velho assemelha-se ao major José Antônio Nogueira Belham. Em razão do tempo decorrido e de as imagens serem mais recentes, não pode afirmar com certeza absoluta que eram eles, mas as imagens apresentadas assemelham-se às figuras daquelas pessoas que a interrogaram. A declarante também foi atendida por um médico, pois, pouco tempo antes de ser transferida para o quartel do Leblon, chegou a desmaiar. Não se recorda, porém, da fisionomia deste médico. Havia também dois gêmeos naquele local, mas acredita que eles eram soldados, pois eram mais novos. Um deles inclusive a ajudou

ll

*Sergio Suiama*



**MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL**  
**PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

logo depois do desmaio. Nos intervalos dos interrogatórios, a declarante era obrigada a escrever de próprio punho um relato de tudo o que sabia. Também lhe mostravam álbuns de fotografias e queriam saber quem estava no Chile, com quem havia se encontrado, quais os planos que os exilados tramavam, e os locais que havia frequentado. Não perguntavam sobre Rubens Paiva. Na noite do dia 20 a declarante também foi posta de frente para um vidro para identificar algumas mulheres. Não reconheceu nenhuma delas. No dia seguinte, de manhã, ainda foi novamente torturada pela mesma equipe de interrogatório. Mais no final da tarde, foi então retirada de sua cela e levada para um camburão, que transportou a declarante, dona Cecília e um homem que acredita ser o médico Edson Medeiros para o quartel no Leblon. Edson estava também muito machucado, mas nem a declarante nem dona Cecília conversaram com ele, pois não o conheciam nem sabiam se ele não era um infiltrado. Acredita que a declarante e dona Cecília foram transferidas já no dia seguinte para o Leblon porque um conhecido do esposo de dona Cecília era militar e interferiu pessoalmente no sentido de libertá-las. Acredita que Rubens Paiva tenha falecido, ou sido levado para outro local, na noite do dia 20 para o dia 21, pois nem a declarante nem dona Cecília ouviram mais sua voz depois desse momento. A declarante ficou no quartel do Leblon mais uns cinco dias. Dona Cecília ficou mais tempo. Os militares chantagearam-na, condicionando sua libertação ao retorno do filho procurado ao Brasil. Luiz Rodolfo era do MR8, e era mais um "cabeça" da organização. O marido de dona Cecília inclusive chegou a ir ao Chile enviado pelos militares com o recado de que ele deveria retornar ao Brasil, mas disse ao filho para não o fazer. Acredita que dona Cecília permaneceu por cerca de vinte dias no quartel e somente foi solta depois que o advogado impetrou um mandado de segurança. Quando a declarante foi libertada, os dois homens que a interrogaram lhe disseram que ela não poderia contar o que havia visto ou passado, pois senão a matariam. Durante cerca de quatro ou cinco meses, foi seguida por carros descaracterizados. Além disso, numa noite, quando retornava para casa, viu o interrogador loiro no interior de um camburão. Ele lhe fazia sinais como que a ameaçando. Saiu em disparada com seu carro, mas depois ainda viu o camburão parado na porta de seu prédio. Chegou a ligar para o esposo de dona Cecília pedindo que ele interferisse junto ao amigo militar para que a perseguição cessasse. Mesmo assim, ainda continuou a ser seguida por algum tempo, embora de forma mais espaçada.

Eu, *M* Marcos Vinícius de Paula Santos, Analista Processual, digitei o presente termo.

*Marilene Corona Franco*

Marilene Corona Franco  
Deponente

*Sergio Gardenghi Suiama*  
Sergio Gardenghi Suiama  
Procurador da República